

Literatura



*eu sou o poeta do corpo
e o poeta do espírito,
os prazeres do céu estão comigo,
e os tormentos do inferno também estão comigo,
os primeiros eu enxerto e prolongo
em mim mesmo, os últimos traduzo em nova língua*

(Walt Whitman, *Canto a mim mesmo*, 1855)

Walt Whitman e a geração Beat

Por Patrícia Marcondes de Barros*

As obras literárias da chamada *beat generation*¹ remetem aos imortais autores da literatura norte-americana, à medida que retomam uma tradição de inconformismo frente a uma modernidade cada vez mais desumanizadora. Esse inconformismo traduz-se na literatura como uma libertação da métrica poética herdada do “Velho Mundo”, com a produção de versos livres, sobre tudo o que viam e sentiam. Dentre esses imortais autores, destacamos o chamado “cantor da América”: Walt Whitman (1819-1892).

Cantor porque com frequência referiu-se a seus poemas como música, orações ou declamações. Seus poemas, segundo ele, possuíam uma

estrutura musical, algumas vezes seguindo os padrões da ária, aprendidos nas óperas italianas.

Considerado o poeta nacional dos Estados Unidos, Whitman aspirava por uma América livre, democrática, liberta e de amor. Sua obra traduz traços fundamentais de uma revolução em curso: libertarismo individualista, o igualitarismo anti-feudal, a vitalidade inaugural do capitalismo na América, a vertigem da abertura de inimaginadas fronteiras geográficas, econômicas e técnicas; e também emocionais, existenciais e pessoais.²

Reflexo de uma modernidade incipiente, poetizava e profetizava sobre esses “novos tempos”, com o encantamento de uma criança a descobrir novos brinquedos.

Quando dizemos “profetizava”, referimo-nos a sua qualidade de pessoa catalizadora, que sabe e sente “alguma coisa” que muitos sabem e sentem há muito tempo.

Em *Specimen Days and Collet* (1882), Whitman oferece-nos uma definição de profecia:

A palavra profecia é bastante mal empregada, parece reduzida meramente para predição. Não é esse o sentido principal da palavra profeta, traduzida do hebraico; significa aquele cuja mente borbulha e flui como uma fonte de íntimas e divinas espontaneidades que revelam Deus...O grande problema é revelar e fazer fluir sugestões à semelhança de Deus, que pressionem o nascimento da alma.³

É impossível entender Whitman sem a sua característica fé *quaker*, herança familiar

(baseada na crença de uma luz interior), e sua crença na presença do Espírito Santo na consciência individual.

Whitman foi muito além da literatura; era um homem de ação, da aventura, da estrada e do mundo. Daí a semelhança com os *beats* como Allen Ginsberg, Norman Mailer, Hemingway, Jack Kerouac, entre outros, que sofreram sua influência não apenas no modo de escrever sobre a América, mas também em seu estilo *on the road*, que ia contra os valores colocados pelo *american way of life*: a busca desenfreada pelo poder e dinheiro.

Allen Ginsberg foi, dos poetas *beats*, o mais influenciado por Whitman. Em sua obra *Howl and Other Poems* (1956), através de um estilo exortativo, de versos longos e estilo vivaz, aproxima-se em muito do estilo do poeta. Um dos poemas de Ginsberg é dedicado à Whitman, *A Supermarket in Califórnia*:

Aonde vamos agora, Walt Whitman? As portas fecharam em uma hora. Para quais caminhos aponta tua barba esta noite?(toco o teu livro e sonho com nossa odisséia no supermercado e sinto-me absurdo).

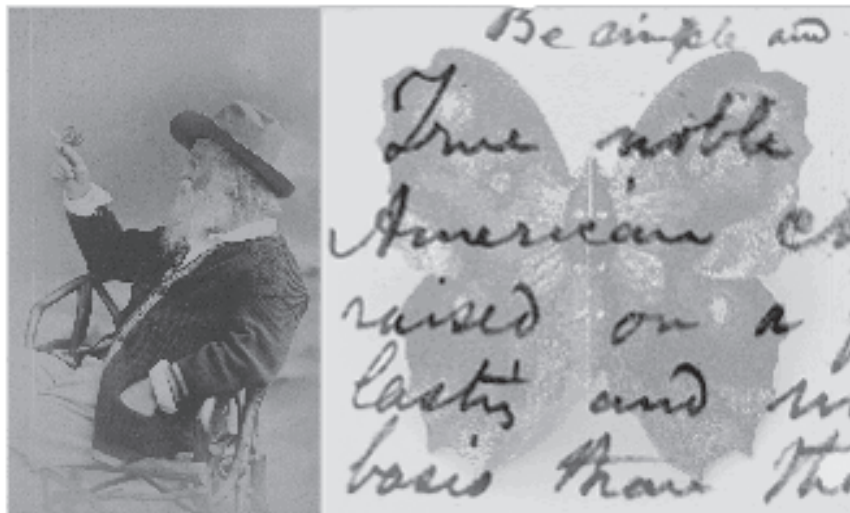
Caminharemos a noite toda por solitárias ruas? As árvores somam sombras a sombras, luzes apagam-se nas casas, ficaremos ambos sós.

Vaguearemos sonhando com a América perdida do amor passando pelos automóveis azuis nas vias expressas voltando para o nosso silencioso chalé?

Ah, pai querido, barba grisalha, velho solitário, professor de coragem, qual a América era a tua quando Caronte parou de impelir sua balsa e você desceu na margem nevoenta nas águas negras do Letes?⁴

Vida e obra se confundem em Walt Whitman, marcadas essencialmente pela marginalidade de quem sai por aí tendo como projeto: a vida apreendida como descoberta real da existência.

Whitman era homossexual, embora celibatário (sua dedicação era exclusiva à poesia), intuitivo (seus conhecimentos originavam-



se na espontaneidade do espírito em detrimento da lógica racional). E, como resultado de sua não adequação aos valores vigentes, teve a vida marcada por muitas exclusões: expulsões de estabelecimentos oficiais, censura de suas obras consideradas promíscuas, entre outras perseguições:

Ouço dizer que contra mim foi alegado que eu procurava destruir instituições Mas em verdade eu nada tenho contra nem a favor das instituições Que tenho eu a ver com elas ou com a destruição delas?

Tudo o que eu quero é fundar em Mannahatta e em toda e qualquer cidade destes estados litorâneos ou do interior, e pelos campos e bosques, e em qualquer barco de quilha pequena ou grande singrando quaisquer águas, sem edifícios ou regras ou fiadores ou qualquer tipo de

argumentação, a formidável instituição do amor entre os camaradas.⁵

Assumiu o papel de cidadão engajado com o destino de seu país (participara até como enfermeiro na Guerra da Secessão), e também de mestre, pela profunda visão que lançava, não sobre o futuro, e sim sobre o presente, a essência da vida, desvendando o real significado de uma folha de relva, de um grão de areia.

“Daí-nos senhor a utopia de cada dia”.

*Professora do Departamento de Jornalismo e Publicidade da Faculdade Assis Gurgacz (FAG-Cascavel-PR), Doutoranda em História (UNESP). Publicou o livro *Panis et Circenses: A idéia de nacionalidade no Movimento Tropicalista* (Editora UEL, 2000).

Notas:

¹ A geração *beat*, grupo literário composto de jovens do pós-guerra, foi o ponto de partida para a revolução comportamental, social e política observada na contracultura dos anos 60. Sua proposta principal, ainda nos anos 50, foi a negação radical da sociedade a extremos desconhecidos na cultura norte-americana.

² Whitman foi tido como poeta da Revolução Americana (1776), apesar de ter nascido uma geração depois.

³ PEÇANHA, Dóris Lieth Nunes. *Movimento Beat: Abordagem Literária, sócio-histórica e psicanalítica*. Vozes, Petrópolis, 1998, p.57.

⁴ IDEM, p.55.

⁵ WITHMAN, Walt. *Folhas das folhas da relva (leaves of grass)*. Seleção e tradução de Geir Campos; introdução Paulo Leminski, 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.